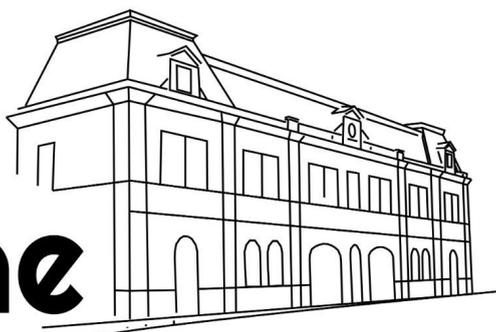


Arche



Revista Discente de Arqueologia
Universidade Federal de Rio Grande

DEGRADAÇÃO NAS POLÍTICAS BRASILEIRAS EM FOBIAS DO CONHECIMENTO À EDUCAÇÃO

Khala Anderson de Oliveira Gomes¹

RESUMO

A partir da análise dos discursos que ficaram impressos nas gravações do primeiro ato das manifestações do dia 15 de março de 2015 – nomeados pela mídia como ‘*Fora Dilma*’; questionamentos puderam ser levantados e vinculados às teorias sobre a compreensão do mundo material que a arqueologia estuda. O conteúdo dos vídeos exibidos caracteriza diversas pessoas ocupantes da manifestação, da elite à classe média trabalhadora, seguida pelos menos afortunados, jovens ou estudantes menores de idade, trazendo pontos de vista a favor/contra a ex-presidente Dilma Rousseff, tendo seu mandato impedido no próximo ano. É notável a complexidade dos discursos que muitas vezes são colocados como contraditórios, frente à observação de movimentos formadores de opiniões no dia do evento, nos levando a questionar se a população sabe (ou não) identificar quais as transparências no posicionamento do governo, seus representantes e seguimento de planos políticos com dinheiro público – quem são vocês e por quê exercem tais ações? Para o levantamento de maiores debates, o artigo discute sobre as prioridades entre o estado e governo, onde os investimentos atuais para a educação do país, não parecem suficientes para informar e auxiliar a população que vota.

Palavras-chave: Arqueologia, Educação, Políticas públicas, Poder, Contemporâneo.

Resumen: Del análisis de los discursos que se imprimieron en las grabaciones del primer acto de las manifestaciones del 15 de marzo de 2015 - nominado por los medios como 'Fora Dilma'; Se podrían plantear preguntas y vincularlas a teorías sobre la comprensión del mundo material que estudia la arqueología. El contenido de los videos mostrados presenta a varias personas ocupando la manifestación, desde la élite hasta la clase media trabajadora, seguidas de los menos afortunados, jóvenes o estudiantes menores de edad, aportando puntos de vista a favor / en contra de la ex presidenta Dilma Rousseff, y su mandato fue impedido. el próximo año. Es notable la complejidad de los discursos que muchas veces se perciben como contradictorios, ante la observación de movimientos formadores de opinión el día del evento, lo que nos lleva a cuestionar si la población sabe (o no) cómo identificar las transparencias en la posición del gobierno, sus representantes. y seguir planes políticos con dinero público - ¿quién es usted y por qué ejerce tales acciones? Para suscitar más debates, el artículo discute las prioridades entre el estado y el gobierno, donde las inversiones actuales para la educación del país no parecen suficientes para informar y asistir a la población que vota.

Palabras clave: Arqueología, Educación, Políticas públicas, Poder, Contemporâneo.

¹ Bacharela em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Link ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4382-8521>.

Abstract: From the analysis of the speeches that were printed in the recordings of the first act of the demonstrations on March 15, 2015 - nominated by the media as 'Fora Dilma'; questions could be raised and linked to theories about understanding the material world that archeology studies. The content of the videos shown features several people occupying the demonstration, from the elite to the working middle class, followed by the less fortunate, young people or underage students, bringing points of view in favor of / against former President Dilma Rousseff, and her mandate was prevented in the next year. The complexity of the speeches that are often seen as contradictory, in view of the observation of opinion-forming movements on the day of the event, is notable, leading us to question whether the population knows (or not) how to identify the transparencies in the government's position, its representatives and following political plans with public money - who are you and why do you exercise such actions? In order to raise more debates, the article discusses the priorities between the state and the government, where the current investments for the country's education do not seem sufficient to inform and assist the population that votes.

Keywords: Archeology, Education, Public Policy, Power, Contemporary.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido na disciplina de *Formação da Sociedade Brasileira*, em 2017, durante o segundo ano de minha graduação em arqueologia, no terceiro semestre do período. Em homenagem à professora Marcia Naomi Kuniochi, faço uma reedição do mesmo, de modo a cumprir com o desejo de publicar o conteúdo aqui presente. Buscando utilizar outras alternativas que nos tragam novas possibilidades para analisar e então produzir mais conhecimentos, levo em conta a significância de fazer ciência. Ocupamos lugares que, estão temporalmente sendo ressignificados nos presentes, mas utilizando determinados passados como base, almejando estabelecer quaisquer relações envolventes para melhores futuros e que, portanto, acabam por ser mantidas e vinculadas as próprias planificações presentes (COSTA & FONSECA, 2007).

Escrevo, não com o objetivo de resgatar um senso de justiça para algo que já se foi, mas apenas para alertar o aparecimento de ondas ideológicas, criadoras de fatores identitários que se aproveitam dos casos que carecem acesso à educação. A tendência de não haver tempo para estudar e apenas confiar em instâncias que politicamente 'sabem o que fazem', exige a composição de uma ética inexistente, pelo fato de que parte desses políticos, também, carecem pela mesma falta de educação que há na população. Quando a educação se tornará a prioridade de investimentos no País?

Hoje, a disseminação de informações dadas em maior abundância através dos meios de comunicação e, mais em específico a internet, constituem uma parcela da rotina de grande parte da população. Independente de cada posicionamento político e ideológico, são produzidos diversos pensamentos, realidades ou opiniões, a partir da exposição de conteúdos pertencentes ao dia a dia dessas pessoas que comunicam as ações do mundo físico propagadas pelo mundo virtual.

Quando utilizamos a internet, a facilidade do acesso à informação, pode nos enganar caso não sejam tomadas as devidas precauções ao filtrar a autenticidade dos acontecimentos relatados. Assim como as faces que demarcam saberes como pontes para conhecimentos que equacionam uma verdade, aparecem diversos outros tipos de conteúdos, carregados por brincadeiras e distorções. Dentre as trilhas da observação (INGOLD, 2005, p. 86), caminhos que perpassam vivências rotineiras, são gerados falsos pontos de vistas que não devem ser levados a sério ou, em alguns casos, até mesmo expostos à comunidade virtual.

“O uso do termo *fake news* já foi criticado, não pela grafia em inglês, mas por supostamente ser contraditório: uma notícia nunca é falsa, a notícia é sempre verdadeira – seria um retrato da realidade, conforme o mito fundador do ‘quarto poder’. O produto de uma prática comprometida com a sociedade e interessada nos fatos – o jornalismo – não poderia, ainda, ser confundido com aquilo que busca promover o contrário: a confusão informativa e a desconfiança sobre as instituições produtoras de conhecimento” (SEGABINAZZI, 2020, p. 57).

Levando em conta a inversão de valores e ideias para pessoas que são convencidas por estes conteúdos que são falsos, falsidades ideológicas, a verdade inexistente passa a transformar-se em uma crença divergente do real (SEGABINAZZI, 2020, p. 134). O alcance online de movimentos que acontecem de forma física, matérias virtuais compartilhadas para a difusão de determinadas ideias através das redes sociais (RECUERO, 2009, p. 7), enquanto não-notícias, não assumem um compromisso profundamente social (RECUERO, 2009, p. 12), agindo contra as necessidades que a própria sociedade de fato necessita, defendendo apenas interesses próprios.

Sendo assim, podemos estudar arqueologia, isto é, compreender quais as teorias que melhor se aplicam sobre as matérias que transbordam mundos, coletivas ou individuais, de modo a nos aprofundar destes conteúdos disponíveis online para então, elaborar conhecimentos sobre aquilo que fica codificado na linguagem de pixels, transmitidas através da tela de celulares ou computadores. A representação total de uma releitura dessas ideias assimétricas disseminadas virtualmente, frente as concepções simbólicas de como determinados núcleos sociais entendem-se e, portanto, exteriorizam estruturas que historicamente ficam impressas, deixadas pelas evidências que relacionam possíveis compreensões que variam entre essas populações com as estruturas ali presentes.

“Arqueologia é a ciência que, por excelência, ocupa-se de compreender a vida social a partir da dimensão material do mundo; que busca estar sempre condicionada a partir de uma circunstância presente; e que esse presente é formado por uma multitude de entes que coexistem e que carregam diversas temporalidades; que nós estamos imersos nessa mesma circunstância e, portanto, sujeitos a eles e eles a nós; que a nossa relação com o mundo é mnemônica, antes de histórica” (DE SOUZA et al, 2019, p. 281 apud TRAMASOLI, 2017, p. 199).

Em específico, a fluidez de saberes que circulam espaços virtuais – conceituadas como ciberespaço (FERRAZ, 2009, p. 41; MARTIRE, 2017, p. 71; MILLER & HORST, 2015, p. 103; PINA, 2019, p. 103; RECUERO, 2009, p. 10), após avançarem pelo final tecnológico da era pós-moderna, no século XX. Notamos a rapidez em que as tecnologias são capazes de superar e alterar nossas noções sobre as próprias temporalidades cronológicas, muitas vezes epistemologicamente ainda presentes nos dias de hoje. Na extensa quantidade de informações, há possibilidades para a formulação de conhecimentos com base nestas plataformas geradas pela cibercultura (FERRAZ, 2009, p. 44; LÉVY, 1998, p. 6; MARTIRE, 2017, p. 68; PINA, 2019, p. 98) aproximando-se então, de uma investigação definida como ciberarqueologia (FORTE, 2011, p. 10; MARTIRE, 2017, p. 94; PINA, 2019, p. 110).

“Ciberarqueologia é a união da Arqueologia com a Realidade Virtual, é o uso de dispositivos eletrônicos para a análise e a extroversão de resultados em ambientes tridimensionais interativos. Porém, dizer que Ciberarqueologia é apenas isso seria simplificá-la demais, correndo o risco de cair no senso comum de ‘uso de computadores na Arqueologia’. Ela é muito mais do que isso, como poderá notar. O trabalho ciberarqueológico está baseado na teoria da Cibernética – que

existe há mais de setenta anos – e em metodologia própria, ainda em desenvolvimento” (MARTIRE, 2017, p. 8).

Para que de fato, a utilização de meios de comunicação, como a internet, auxiliem na elaboração de fazeres arqueológicos, acompanhando na compreensão de acontecimentos importantes nas histórias contínuas do País, como por exemplo a política, basta apenas buscar vídeos ou informações que irão apresentar perspectivas sobre determinadas noções de realidade, justificando ou traduzindo algumas problemáticas que são geradas em decorrência das teorias que estudam as sociedades.

Para levantar debates que serão discutidos neste artigo, foi essencial a utilização de algumas ferramentas que complementem as propostas estudadas por essa arqueologia, encontrando perspectivas-chaves que abranjam representações entre grandes audiências, como o uso do site Youtube (WHITLEY, 2016). Buscando então, vídeos sobre as manifestações do primeiro ato do dia 15 de março em 2015, aparentemente contra o governo de Dilma Rousseff, foram-se utilizados dois vídeos, “*Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas*” e “*MÃE, VEM CÁ, POR QUE EU SOU DE DIREITA? MANIFESTAÇÃO 15/03*”, para discutir as noções de políticas públicas referentes a educação de civis que decidem os resultados das eleições.

Cada pessoa presente no evento e, em decorrência, nas gravações efetuadas, justificava seus motivos por estarem ali manifestando. Através da demonstração explícita de suas colocações, muitas vezes, posicionadas em contradições. Contradições essas que, tornaram visíveis a falta de consciência política e baixos teores para argumentação, principalmente quando demonstravam pouco ou nenhum conhecimento histórico do País, validando a hipótese de uma clara manipulação de suas próprias visões sobre as políticas ali manifestadas.

O grande questionamento se dá em torno de: onde estaria esse buraco na falta de consciência dessas populações brasileiras? E se este buraco tem alguma ligação com o ensino que começa desde as escolas primárias que atendem a nação, tendo em mente que “os conselhos escolares seriam um dos instrumentos que possibilitaria ‘fazer democracia’, ou seja, transferir as pessoas do estado passivo para o ativo” (RODRIGUES, 1996, p. não encontrada). Isto é, transmitir conhecimentos sobre acontecimentos de passados políticos e históricos de Brasil, para que enfim as próprias pessoas entendam a significância que está nos desenvolvimentos de planos políticos que, em formato democrático, atestem suas próprias racionalizações.

Assim, têm-se a importância de erguer embates que questionem posicionamentos específicos e que devem ser ainda mais explorados. Afinal, estudar arqueologia significa escavar para encontrar, levantando justificativas ainda mais contextualizadas para essas informações. Escavemos, portanto as gravações selecionadas, na tentativa de alcançar interpretações que relacionem as teorias sociais com os acontecimentos elaborados por aqueles que argumentaram para legitimar as ações.

Como qualquer outra ciência, transformamos saberes em conhecimentos para a obtenção de noções básicas àquilo que devemos observar, compreendidas no ato de questionar nossas fontes de estudo. E que, por consequência de nossos aprendizados, entendemos como trabalhar com determinadas relações, juntando ainda mais informações. Trago a proposta da

análise das relações entre o ato das manifestações do dia 15 de março em 2015, levados à crise da ex-presidente Dilma Rousseff, que no próximo ano sofre um impeachment, afastando-se do cumprimento de seu mandato.

2. MANIFESTAÇÕES: DILMA FICA OU SAI?

Em 2015, do Ipiranga às margens plácidas, o Brasil se encontrava em clima de manifestações, tal qual questionavam representantes que na época governavam e a presidência de Dilma Rousseff. Nos dias 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro, uma diversidade de brasileiros foram às ruas para demonstrar seus descontentamentos gerais contra o governo, justificados pela contínua crise econômica e o aumento mal esclarecido dos impostos, mediante a uma corrupção cada vez mais visível e descarada vindas destes representantes políticos.

A argumentação máxima, dada através da operação de lavagem de dinheiro da Petrobras (Lava Jato), que acusava cerca de 260 políticos criminalmente, sentenciando apenas 25 destes. A presidenta Dilma Rousseff se manifestou frente a essa lavagem de dinheiro, alegando que não tinha quaisquer ligações com a operação – o que de fato não se foi comprovado até hoje, mas que mesmo assim, ainda foi culpada por encobrir os envolvidos que estavam subordinados a ela, uma provável manobra política para manter-se no poder.

Outro fator que elevou o questionamento de seu mandato, foram as pedaladas fiscais, ato em que a maioria dos representantes políticos recorrem, mas que apenas a presidente foi fatalmente acusada por participar no atraso do pagamento de contas do governo aos bancos públicos, que financiam algumas políticas, como por exemplo o Bolsa Família.

No dia 31 de agosto do ano de 2016, Dilma Rousseff sofre o impeachment, mesmo sem haver quaisquer provas de sua participação nas operações Lava Jato e a perícia ter concluído que não se teve nenhuma atuação direta nas pedaladas fiscais. A partir deste ponto, podemos nos perguntar onde fica a justiça para mais uma mulher institucionalmente calada. Sabemos da maleabilidade em que a própria justiça é capaz de se partir, sonegar, reduzir e implorar, passando pelas brechas de baixo de nossas portas, justamente por ser assinalada pelas mãos humanas – uma ideia imperfeita daquilo que desempenha em nossas mentes o significado de direitos e reconhecimentos das ações exercidas pelo outro.

Voltando um pouco antes do impeachment, o vídeo que será aprofundado, foi gravado pela TV Folha sobre a grande manifestação do dia 15 de março de 2015². Bandeiras para todos os lados, pessoas vestidas com camisetas verde e amarela, distribuição de vulvuzelas, a exaltação do nacionalismo brasileiro realizadas no ato nomeado pelo vídeo como “*Fora, Dilma*”, reunindo 210 mil pessoas na Avenida Paulista em São Paulo, somando quase 1 milhão por todo o Brasil.

A avenida contava com uma multidão repleta de diversidade, com as mais diversas características possíveis, reunidas por uma “exaltação tão elevada, a uma vibração tão intensa, a um entusiasmo tão comunicativo” (SEVCENKO, 1992, p. 26), que muito se assemelham como parte da identidade brasileira construída desde o clima carnavalesco de

² Link disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVO&t=1s>

1919. Uma luta que unia todas aquelas que estavam em busca de um país melhor, onde o sofismo na ideia de liberdade de expressão, reunia manifestantes tanto contra Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores (PT) como aqueles que estavam lá para expor a realidade controversa frente a descarada corrupção de políticos em geral no governo.

Os relatos que iniciam o vídeo sugerem que a manifestação estava completamente a favor do impeachment – ‘*Será que a Dilma já assinou a renúncia?*’ (TV FOLHA, 2015, 0:29); ‘*A nossa bandeira jamais será vermelha*’ (TV FOLHA, 2015, 01:34); ‘*Tem que tirar o PT*’ (TV FOLHA, 2015, 01:27) –, demonstrando ampla insatisfação destinada a um único partido político e em específico, a figura da ex-presidente. Logo após, começam a aparecer algumas pessoas que ocupavam o mesmo espaço da manifestação, entretanto diluindo essa ideia solidificada de impeachment, estando lá apenas para cobrar melhorias mediante as ações desses representantes do governo: ‘*Não tem como ter impeachment, tanto que você não ouviu a gente gritar daqui impeachment. Não é o nosso intento*’ (TV FOLHA, 2015, 02:31).

Com o passar do vídeo, aparecem pessoas em cima de caminhões, com grandes caixas de som, proferindo palavras de ordem, formatando argumentos e implantando ideias àquelas que estão lá apenas para protestar a insatisfação das políticas atuais daquele período. Isso fica muito bem exposto através da fala de um homem, que não é identificado no vídeo, mas que sobre um dos caminhões de som, diz:

“O nosso foco sempre foi o PT, sempre foi o PT. Porque é o partido que levou o Brasil de cabeça pra baixo, é o partido que infiltra terrorista, é o partido que tá vinculado ao PCC, é o partido que tá vinculado a tudo de podre que tem” (TV FOLHA, 2015, 02:08).

Discurso este, trazendo uma justificativa muito simplista, sem qualquer prova ou nomes de representantes do partido, de modo a reduzir informações para as pessoas que presenciam a realidade desigual do País. Facultadas a automaticamente culpar uma única instância de todo o mal que acontece, mesmo sem haver o menor debate daquilo que é muito pouco decifrado ou traduzido. Durante cada mandato, o que a composição das corporações, a união coletiva de representantes, afeta no jogo de interesses que envolvem a formação de planos políticos e suas prioridades nos mandatos do Brasil? – estamos escolhendo quais serão ganhadores do show do milhão estadista?

Segundo Weffort (1980) na obra “*O populismo na política brasileira*”, quando as elites observam representantes do governo desviando condutas em oposição aos seus interesses, antecipam-se através das manifestações – quando interesses parecem estar desviados, a elite encontra formas oportunistas para se manter no lucro, vasculhando friamente reações que mantenham o acréscimo de seus números. Tal oportunismo se dá durante as situações de crise, manobra para a manutenção das riquezas, onde apenas os mais ricos são capazes de se manter, sem entrar em falência, diminuindo a quantidade de pessoas ricas e aumentando, após a crise, os valores bancários daqueles que se mantiveram durante a criticidade destes períodos.

O discurso é formulado para debater de frente contra a ex-presidente e representante do partido, tendenciado a induzir a população ocupante da fervura dos manifestos, formando opiniões e que, com a plataforma da internet se capacita a atingir até mesmo aqueles que não estavam ocupando o local da manifestação. A explícita falta de coerência nestes discursos

que se seguem durante a passagem do vídeo, demonstram uma clara assimetria sobre tudo aquilo que é dito pelos manifestantes – todo o ato resumido pela exposição tanto nas mídias impressas, como propagados pelas mídias virtuais, resumidos por um único oportunístico ‘Fora Dilma’.

Ao meu ver, as massas populares não são mais parceiros-fantasmas como Weffort (1980) coloca, mas zumbis que vivem trilhas quase miseráveis, reprodutores de pensamentos empregados pelas mesmas correntes elitistas – os mesmos até apresentam uma consciência da realidade divergente, mas não são capacitados a compreender as políticas sociais que determinam o jogo de interesses para investimentos. A desordem que não informa, mas comanda através da ignorância (SEGABINAZZI, 2020, p. 178) entre a mistura de diversas gerações, cruzadas por diferentes tipos de conflitos políticos, divididos em bandos que calculam estratégias de modo a manter os interesses que se correlacionam com a manutenção dos que ocupam as instâncias de poder. A partir daqui, podemos questionar o significado de democracia, uma vez que, a hegemonia influencia na conformação de qualquer discurso capaz de convencer os menos privilegiados de que sua verdade deve ser mantida em vigor.

Estudar sociologia no ensino básico, por exemplo, demonstra-se essencial para a correção de momentos como estes, pois ela não só transforma pessoas aumentando suas ideias críticas, mas também, faz com que essas pessoas desenvolvam uma consciência para suas próprias maneiras de pensar no conjunto social. Vivemos todos em coletivo. Incorporando verdadeiras conceituações para a democracia (LAHIRE, 2014, p. 50), não apenas a democracia que está sendo dita e que deve ser seguida. A maldição de uma elite que domina financeiramente a liberdade da própria população e que, por não investir no conhecimento para a educação, é incapaz de lidar com questões globais que retirariam o título periférico do País.

“Um povo é tanto mais democrático quanto mais considerável é o papel desempenhado, na marcha dos negócios públicos, pela deliberação, pela reflexão, pelo espírito crítico. E é tanto menos democrático quando, ao contrário, mais preponderem, nessa marcha, a inconsciência, os hábitos inconfessados, os sentimentos obscuros, os preconceitos, numa palavra, os escapes ao exame” (LAHIRE, 2014, p. 49 apud DURKHEIM, 1890-1900).

Se levarmos em conta, o fato de que a manifestação contava com diversos núcleos de pessoas, desde a classe alta burguesa, até a classe média e operária, o ato no geral estava muito além de apenas criticar o governo, mas a luta de interesses por todo o Brasil – que até hoje não para, colocando melhores possesores de argumentos no topo da verdade, esquecendo-se da vivência coletiva, engendrando pensamentos a pessoas mais vulneráveis, em termos de conhecimento e poder financeiro. Para demonstrar a construção destes argumentos, utilizo o discurso autoexplicativo de um jovem que se diz liberalista:

“Pra moldar o nosso discurso aqui, a gente foi em tudo quanto é lugar, perguntar pra tudo quanto é tipo de pessoa, o que elas queriam. E aí, a gente fazia uma comparação, principalmente entre combate à corrupção e o impeachment em si. A maioria das pessoas quer o impeachment” (TV FOLHA, 2015, 01:09).

Discurso este, representando um caráter muito engenhoso, onde se é pertinente querer retirar a presidente do governo pela justificava de corrupção, mas ignorar a própria corrupção

presente no País. Ou seja, o impeachment mais uma vez possui uma justificativa oculta, extrapolando para a defesa de interesses próprios. Ao restante de parte da população, a manifestação transforma-se em uma luta idealizada pelo conjunto do bem e mal, onde a figura da Dilma Rousseff assume todos os problemas, tornando-se uma vilã aos olhos do senso comum. Estruturo e reforço meu argumento com a fala de uma fotógrafa em relação a resolução que teríamos ao retirar a Dilma do poder:

“No momento não resolveria grandes coisas, mas a gente pelo menos lavaria a alma de tirar essa bandida do governo” (TV FOLHA, 2015, 0:54).

O ato na submissão de argumentos para a população que não apresenta condições favoráveis a refletir, tão escancarado. Além das pessoas em cima dos caminhões de som, despejando discursos para as massas, o próprio ambiente da Avenida Paulista ilustrava, através de diversas propagandas partidárias, a produção de materiais para gerirem narrativas que valorizassem a legitimação em prol do impeachment. Sendo pela produção de cartazes ou propagandas sobre as vantagens de votar em determinados partidos; a presença de militares: *‘nós estamos intercedendo tirando os petistas daqui, deixando só os brasileiros’* (TV FOLHA, 2015, 06:21); e até mesmo pequenos elementos que poderiam passar despercebidos por quaisquer outras pessoas: as revistas que falavam de política no dia do evento.

Procurei então, adentrar mais afundo nessa questão das revistas que estavam nas bancas de jornal no dia do ato, identificando que todas elas estavam fazendo matérias contra a imagem da presidenta Dilma Rousseff. Trago exemplos como a Veja, apresentando a figura ex-presidente através de uma caricatura com uma faixa tampando seus olhos de título *“No Escuro”*, ou a Época, com um título ainda mais tendencioso *“Todos Contra Dilma Rousseff”*³.

O posicionamento destas revistas não é novidade alguma, mas o que mais surpreende é que no dia 18 de março, três dias após a manifestação, a Veja publicou uma notícia, que segundo eles representava a verdadeira face das manifestações. A notícia descrita em tópicos comparando o PT com os regimes totalitários:

*“1) A hegemonia pela qual o PT é obcecado só existiu e existe em regimes totalitários em que a democracia foi erradicada: na Rússia soviética sob Stálin, na Alemanha nazista sob Hitler e, periféricamente, em países irrelevantes como Cuba e Coreia do Norte. 2) Para obter a hegemonia naqueles países foi necessário: a) Formar um regime de partido único colocando na ilegalidade todos os demais; b) Prender, fuzilar ou exilar depois de julgamento sumário as pessoas que pensassem de forma diferente; c) Censurar todas as formas de expressão cultural e eliminar a imprensa livre”.*⁴

Esta concepção formatada pelos editores da Veja, colocava o PT no mesmo nível do fascismo, apresentando fundamentos profundamente calculistas que distorcem por completo os objetivos do partido e o sentido da manifestação. Até então, as queixas estavam registrando a ligação do partido com a corrupção. A descrição presente nas ideias do partido, simplesmente não são condizentes com as suas ações – o mesmo se apresenta contra o poder da elite burguesa mediante as massas populares, em formação para trabalhadores. Mais uma

³ Link disponível: https://www.elesbaonews.com/2015/03/revistas-semanais-veja-os-destaques-de_15.html

⁴ Link disponível: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-significado-do-15-de-marco-de-2015/>

vez, segundo Sevcenko, “o vácuo deixado pela consciência instila uma nova linguagem que articula diretamente os sentidos: uma linguagem impotente, irresistível, inefável, insidiosa” (SEVCENKO, 1992, p. não encontrada).

A construção do ideal de um lado bom versus um lado ruim, gera uma “*supra-identidade de base emocional*” na população eleitora, trazendo reforços em argumentos completamente impertinentes e descabíveis para a crença da própria hegemonia no poder das elites. Tudo isso cria falsos entendimentos para pessoas que não possuem acesso a determinados conhecimentos, indispensáveis para a continuidade da democracia política ou até mesmo tempo para acompanhar com precisão tais assuntos, operando no corpo (mental, sentimental, etc.) dos que observam a revista na sala de espera de uma consulta no dentista, por exemplo.

Tudo isso é atemporal, pois o extenso jogo de interesses que capacitam a manutenção destas instâncias é definido pelas suas ações, em todos os tempos e lugares, onde tais matérias ficam em circulação para diversas pessoas no dia a dia. A matéria desta revista que relaciona o partido político com a perda de uma imprensa livre, nos levanta um breve questionamento em retorno: livre para quem? Para se aproveitar da falta de conhecimento intelectual de parcela da população e implantar ideias prontas que chegam a um nível incoerente e contraditório da própria realidade. Tendo sucesso em manobrar a dominação do senso comum popular, frente as massas que ficam expostas à construção estratégica de um ensino que forma analfabetos funcionais pouco pensantes.

3. FOBIAS PARA ESTUDAR: QUEM É QUE PODE FALAR MAIS?

Criei este tópico específico em 2020, para transitar entre informações levantadas da manifestação até o presente, de modo a vincular algumas ideias mais atuais que dialoguem com as que já haviam sido escritas, juntando informações que se aproximam do ponto chave a ser discutido. A arqueologia, assim como qualquer ciência que estuda humanidades a partir de suas sociedades, do mundo material ao observar das coisas, nos aproxima do papel em que as tecnologias exercem pelas estruturas que definem o que é social.

Sabemos, portanto, que tecnologia é poder e, em uma sociedade que tende a se colocar como capitalista, com dinheiro se compra tecnologia. Logo, quanto mais dinheiro se tem, mais tecnologia uma pessoa pode comprar, e assim, ter mais alcance de poder. E ainda mais além, o dinheiro pode comprar pessoas que estão desesperadas por mais tecnologia e mais poder. Basta passar anos e anos em silêncio, juntando uma fortuna provisória, para então revelar o verdadeiro poder das trocas simbólicas, em decorrência do valor que a moeda é capaz de adquirir – a aquisição de seres e coisas.

O problema que envolve o dinheiro que compra tecnologias é a ignorância por trás da produção que, ou almeja lucros compulsivos para expandir corporações, ou gasta recursos do ambiente para produzir coisas que degradam ainda mais o mesmo. A continuação desta fenda de desastres econômicos, nos coloca frente à urgência de mudanças na produção da própria tecnologia que, em alguns casos, deve ser completamente reciclada, substituída ou interrompida.

Já o problema do acúmulo de tecnologias que resultam na expansão de mais e mais poder, resultante da divisão social de pessoas, formadora das hierarquias que escalam quem pode mais do que quem, decretam limites aos seres – uma base do entendimento sobre privilégios que se misturam com a moral, justificadas pela meritocracia. Enquanto a elite disfarça seu poder material herdado pelo ganho revertido no privilégio familiar ou exploração, a população em geral, briga por migalhas e histórias de vidas que justificam a superação e o merecimento pela conquista do mínimo de dignidade material para o bem estar e tranquilidade pessoal. Subvertem a linguagem meritocrática infiel, com base no oportunismo de tornarem-se elite. A classe média dos trabalhadores fica entre o limbo de pessoas que são destratadas por nunca se tornarem elite e estranhados por aqueles que são mais pobres e, portanto, estão em luta constante para tal construção.

Nichos sociais estes, para habitantes do mesmo País, produzindo e reproduzindo discursos que afirmam essas desigualdades, esquecendo-se de que o conjunto social é coletivo. As divisões de atividades dadas em sociedade dependem umas das outras, tendo seus obstáculos gerenciados pelas hierarquias de classe que formulam distinções entre as próprias sociedades nos territórios do Brasil. Principalmente quando tratamos de representantes da política, estando diretamente próximas ao capital de impostos nacionais. Jamais devem ser eleitos por defenderem seus interesses próprios. Precisamos superar esse desespero pela sobrevivência ou obtenção de poder tecnológico compulsivo, encaminhados por ações oportunistas, pregadas pelo individualismo que nos afastam das ações coletivas.

A criação de cargos no Estado é tencionada para regular tais afirmações, digerindo parte da renda às pessoas que dedicam seus trabalhos de modo social, sem que haja a exploração da mão de obra de outra casta para o aumento do próprio poder. Temos também, a elite que por lucro, incompetência ou indignação, se socorre ao Estado, invés de aprender a administrar sua fortuna de forma justa para a melhora do País – são poucos que sobrevivem as crises intencionais, capacitados a manter seu poder de produção no mercado financeiro de forma limpa, honesta e sem exploração. Raramente vemos, por exemplo, a construção de escolas, museus, espaços coletivos, etc., em nomes de pessoas ricas que decidem deixar para o País um lugar com boa estrutura para públicos gerais. Nossos museus pegam fogo, queimando como o dinheiro sujo que vai e vem para satisfazer a sede dos que sempre tiveram tudo, mas que nunca poderão comprar a satisfação interna de plenitude, que está muito além do acúmulo de poder a partir do gasto material compulsivo.

Enquanto outros países se preocupam em investir na criação de laboratórios físicos, estudos culturais sobre outras e próprias populações, estímulos para desenvolvimentos artísticos, entre outras ações, a população brasileira fica à mercê da ignorância educacional e o ato de confiar na agenda de estranhos, que vão e vem de acordo com o desfavorável período dos mandatos políticos. É importantíssimo lembrar que, enquanto a ciência europeia e norte americana já estavam muito bem sedimentadas, o Brasil ainda passava por questões coloniais, conflitos de escravização de pessoas e manipulações para comandar o próprio povo, que luta até hoje pelos seus direitos de terra e poder – por que andam nos ferindo até os dias de hoje?

Enquanto as manifestações, observadas como cenários carregados de fontes para aumentar nossos conhecimentos de saber popular, podemos observar todas as ações e reações que ficam impressas pelas gravações, informando quais as coisas que transcorreram durante os

dias dos atos. O conhecer é a chave para a melhora do País e, assim, analisando teorias que surgem em decorrência da crítica a estes eventos, compreendemos parte do jogo civilizatório que discorre, afasta e aproxima, vidas e vidas.

Levando em conta as tarefas cotidianas de cada cargo, qual seria a diferença entre a síndica de um prédio e a presidente de um país? E o que levaria uma síndica a ser expulsa de seu cargo estabelecido pelos moradores do prédio? A maleabilidade dos próprios discursos que se ressignificam e se transformam, fazendo com que quase não haja uma verdade palpável a ser completamente lembrada ou estabelecida – muito me recordo dos argumentos na votação da câmara em prol do impeachment: pela família brasileira, pela moral, por seu deus. Sobre invenções, ideias, costumes e crenças, “a mente humana é formada de tal modo que as inventa espontaneamente ou aceita-as em qualquer ocasião em que lhe são oferecidas” (BOAS, 2004, p. 28).

“É tentador trazer resoluções para o problema das *fake news* e da desordem informativa a partir de termos da psicologia e da sociologia. A *vontade de que algo seja como se acredita que é faz com que se acredite em algo* – verdadeiro ou não: esta é uma abordagem psicológica que é a conclusão para a pergunta: ‘por que acreditamos nisso?’. A explicação já se estabelece ao se ligar *fake news* com o conceito de pós-verdade do dicionário Oxford: interpretações emocionais e subjetivas têm mais relevância do que os fatos. A resposta estaria pronta. A justificativa de ação política é outra grande resolução, trazida desta vez em termos sociológicos, para a problemática – e não exatamente se descola da primeira. *O conteúdo político é inventado e disseminado como tática de uma guerra político-partidária ou até mesmo moral-cultural*” (SEGABINAZZI, 2020, p. 13).

Enquanto passam-se os dias, representantes que governam estão criando e modificando medidas todos os tempos, para higienizar o máximo de evidências a serem identificadas e contestadas pelas próprias pessoas que votam, estando muito ocupadas com seus cotidianos. Parágrafos e deveres que, por uma sessão administrativa, deixam de existir e se tornam o oposto, caso o conjunto integrativo de políticos desejem que aconteçam. Como um exemplo mais recente que posso utilizar como referência, na Medida Provisória (MP) por ‘ação e omissão’ em ‘atos relacionados com a pandemia de Covid-19’:

“Os agentes públicos somente poderão ser responsabilizados nas esferas civil e administrativa se agirem ou se omitirem com dolo ou erro grosseiro pela prática de atos relacionados, direta ou indiretamente, com as medidas de combate ao coronavírus”, diz a MP de Bolsonaro, também assinada pelo ministro da CGU, Wagner Rosário, e Paulo Guedes”.⁵

Podemos observar o foco em que coisas se transformam para salvar atrocidades cometidas contra a população brasileira, contra a humanidade e contra o próprio universo como um todo, onde um acaba por ser o álibi do outro, regulando as informações que desinfetam os atos do ator Jair Bolsonaro, com o apoio da alta aristocracia maçônica brasileira, por exemplo. Enquanto a maior parte da população se divide em crenças cristãs, evangélicas, protestantes, espíritas, candomblés, umbandistas e etc, a maçonaria fica por baixo dos panos, muito bem escondida, legitimando condutas que não são corretas, atos amplamente criminosos que deixam de existir caso a representatividade política esteja de acordo com os anseios de quem herda o Brasil. Estamos vivendo verdadeiramente em uma

⁵ Link Disponível:

<https://veja.abril.com.br/blog/radar/bolsonaro-tenta-se-livrar-das-consequencias-de-sua-atuacao-na-pandemia/>

democracia ou apenas somos manobras para esbanjar a decisão suprema em um país com extrema ignorância educacional proposital?

Quais são conflitos que levam as cidadãs e cidadãos a se absterem do conhecimento, desacreditando na educação por completo, jogando-se nesta exaltação coletiva, inundada de crenças que afirmam neutralidade e renegam quaisquer posicionamentos que são definitivamente inaceitáveis? As políticas públicas deveriam apresentar aberturas que possibilitassem igualdade a todas, todos e todes, sendo tratadas como assuntos importantes e, portanto, exigentes de um posicionamento cada vez mais consciente e correto.

Se você não entende o que eu faço ou digo, bom para mim, pois tirarei vantagem da ignorância alheia, de modo a cumprir com meus objetivos que estão em torno da riqueza, abundância e poder. Enriquecendo mais uma vez de forma ilegítima, sugando cada parte do conhecer que muito mais traumatiza a população do que a educa. A existência e manutenção das políticas do bem e mal que abusam desta ignorância populacional, recorrente das objeções presentes na confiança ao trabalho do próximo.

As políticas destinadas a educação tanto nas escolas de ensino privado, quanto nas escolas de ensino público que segundo a lei, são obrigadas a nivelar toda a população para um ensino básico comum, são capazes de orientar quem estuda para compreender quais são as decisões necessárias a serem democraticamente tomadas em prol do povo? As Políticas Públicas do governo, destinadas ao senso de educação são capazes de conter as ondas de informações com princípios falsos ou oportunistas, sendo completamente eficazes no sentido de capacitar cada cidadã ao informe de saberes que tragam alternativas para contribuir com a melhoria da sociedade? Quais são os danos em que as Universidades lidam com as brechas abertas frente aos problemas na educação básica do País?

4. FINALIZANDO

Diante de todo o conteúdo elaborado a partir dos discursos impressos no vídeo da manifestação do dia 15 de março de 2015, torna-se muito evidente a concepção de hegemonia nos fluxos idealísticos sobre massas consideradas como populares. A contribuição das análises arqueológicas para estudos atuais sobre a política, confirmam “como resultado, a política tradicionalmente tem sido enquadrada como uma competição por preciosidades, bens de subsistência, matérias-primas materiais, informações ou status” (SMITH, 2011, p. 416)⁶. O questionamento surge com a linha de raciocínio que permeia a mobilização dessas opiniões que são formuladas para públicos vulneráveis quando ocupam as manifestações. Sendo assim, aqueles que não apresentam condições educativas favoráveis para identificar a distorção nos discursos, acabam por aceitá-los, subvertendo-os – estamos em uma democracia ou apenas em um jogo que defende interesses e compra opiniões? As prioridades de investimentos para capitais de impostos que são públicos, são dadas para contemplar as necessidades básicas do Brasil, isto é, a saúde e educação, ou apenas encherem bolsos de políticos que, também, são empresários e portanto, enriquecem dubiamente incitando ainda mais, propositalmente, desigualdades no País?

⁶ Tradução do original: “As a result, politics traditionally has been framed as a competition over preciousities, subsistence goods, raw materials, information, or status”.

As políticas para o desenvolvimento da educação no País são capazes de suportar as demandas necessárias nas regiões, para que cada pessoa saiba como articular as ideias e questionar sem haver qualquer fonte que manipule suas opiniões? A população brasileira que frequenta escolas⁷, de grande maioria públicas, está inserida no modo de trabalho do sistema capitalista para aceitar a realidade da casta que se é estabelecida, sem sequer compreender modos para refuta-las? A política em si pode ser vista como um jogo muito ardiloso, exigente de muitos cuidados para atenção – de que adianta se ter o direito de voto, sem haver quaisquer saberes sobre os motivos de se estar votando e, principalmente para quem e quais objetivos serão somados os votos? Por exemplo, a atual eleição de um político que simplesmente ganhou a presidência sem sequer comparecer em nenhum debate, eleito sem apresentar nenhuma proposta para a melhoria do País.

O próprio lançamento do sistema público de educação de 1932, segundo Libâneo (1990), tinha como base difundir a ideia de democracia e ajustar o ensino da população ao desenvolvimento urbano-industrial, estando de acordo com as necessidades criadas para implantar o capitalismo no Brasil. Assim, o ensino para a população fica à mercê da divisão dos interesses entre a educação de uma escola privada e a educação uma escola pública que, além da diferença de infraestrutura, encaminham alunos para distintos papéis sociais estabelecidos historicamente, aspirantes da sorte e dependentes da herança de famílias (BOURDIEU, 2007). Passos estes que são fundamentais para desenvolverem seus intelectos, capacidades à manutenção de poder – a esfera que continua sendo esférica, possuindo maior abrangência de saber enquanto realidade, ditando como e quem irá se manter.

Neste caso, é possível perceber a sutileza do comando, deduzida pela alienação, substituindo o trágico período da colonização e escravização de pessoas, de modo a reparar os danos causados aos herdeiros do Brasil. As circunstâncias que ficam entre as noções estatais e sua população, sendo brevemente demonstradas pelos contextos nos vídeos, historicamente carregadas pelas fraudes que garantem as escolhas que elegem os poderes do estado (SEGABINAZZI, 2020, p. 58). A população ainda continua cativa, não mais a um senhor de engenho, mas a farsa de um sistema de ideais nutridos pelos valores da economia hierárquica financeira. Contudo, as políticas públicas da educação são moldes para a própria população, transformando pessoas em operários, seguidores fiéis das informações geridas pela mídia em conjunto com representantes na política, reafirmando instituições e pertencimentos.

A atual reforma proposta para o ensino médio das escolas públicas, é mais uma evidência do que já se foi comentando, no qual o governo pretende aumentar a carga horária de matérias que se aprofundam na inserção do mercado de trabalho, como português e matemática, tornando optativas matérias como sociologia e filosofia, essenciais para que pessoas aprendam a pensar de forma mais coletiva ou social. Sim, o sistema educacional no Brasil apresenta diversas falhas, tornando imprescindível uma urgente reforma, entretanto, essa mudança deve ser estruturada a partir das necessidades dos alunos, em que profissionais da área (professoras, diretoras, coordenadoras, pedagogas, etc.) saibam das carências destes estudantes, de modo a melhorar o ensino do País.

⁷ Link disponível:

<http://especiais.g1.globo.com/educacao/2015/censo-escolar-2014/o-raio-x-das-escolas-do-pais.html>

Devemos ter a certeza de que civis com educação, são civis que se colocam lado a lado, umas às outras, em equipe, para que então, a divisão necessária das tarefas de nosso País se afaste deste jogo poluído, enriquecendo impostores, hierarquizando poderes, onde gozam da podridão presente no olhar que inferioriza outras, outros, outres – você nunca será como eu. Quem sabe algum dia nos livremos deste clima completamente esquizofrênico, onde os sentidos estão desvinculados das ideias, para que propositalmente nada se entenda, deixando a realidade restrita ao enriquecimento em volumes de zeros nas casas financeiras.

Encerro este artigo, como filha de solo mãe gentil, de nossa querida pátria amada Brasil, com um segundo vídeo gravado no mesmo dia do ato de 15 de março de 2015. Entrevista de uma jovem que não pude encontrar melhor reflexão para concretizar tudo o que já se foi dito e demonstrar a realidade preocupante em que a população brasileira está encadeada a viver, caso a estratégia defasada das políticas de ensino continue formando exércitos de trabalhadores e analfabetos funcionais.

[Entrevistada]: - *Eu sou a Fernanda, eu tenho 17 anos, trabalho num escritório. É... Eu venho aqui hoje por um país melhor, porque eu sou o futuro e eu preciso que o país melhore.*

[Repórter]: - *Você é a favor do Impeachment da Dilma?*

[Entrevistada]: - *Com certeza, absoluta!*

[Repórter 2]: - *Por que?*

[Entrevistada]: - *Porque o país tá ruim com ela no governo, e a gente precisa de um país melhor, a gente precisa de melhora. Eu sou o futuro e eu preciso reivindicar isso.*

[Repórter]: - *E ela saindo, quem você acha que entra, qual você acha que seria uma boa opção para substituir ela?*

[Entrevistada]: - *Aí, pergunta difícil essa, porquê assim, como eu não votei ainda né, eu nunca votei para presidente, não conheço muito sobre presidência, não... Não conheço. Sei que tá ruim assim, não sei quem... Não tenho uma... Não tenho um conhecimento de quem.*

[Repórter]: - *Você já foi em outros protestos antes?*

[Entrevistada]: - *Não, é o meu primeiro.*

[Repórter]: - *Você se considera de direita ou de esquerda?*

[Entrevistada]: - *De direita!*

[Repórter 2]: - *Por que?*

[Entrevistada]: - *Ah, pergunta difícil, perai, mãe vem cá! Ai meu deus. De direita... porquê... eu sou contra o governo né?*

[Mãe da Entrevistada]: - *É, o governo atual é de esquerda né?*

[Entrevistada]: - *Isso, exatamente!*"⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, F. 2004. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

BOURDIEU, P. 2007. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

COSTA, L. A. & FONSECA, T. M. G. 2007. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 2, p. 110-119.

DE SOUZA, N. A. O.; GOMES, A. O.; TAVARES, N. O. 2019. ARQUEOLOGIA E TEORIA QUEER: POR UMA ARQUEOLOGIA TRANSVIADA. *Revista Arqueologia Pública*, v. 13, n. 1, p. 280-299.

⁸ Link disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=vRIokvC02AA>

- FERRAZ, D. et al. 2009. *Etnografia virtual: uma tendência para pesquisa em ambientes virtuais de aprendizagem e de prática*. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo.
- FORTE, M. 2011. Cyber-Archaeology: Notes on the simulation of the past. *Virtual Archaeology Review*, v. 2, n. 4, p. 7-18.
- INGOLD, T. 2005. Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação. *Religião e sociedade*, v. 25, n. 1, p. 76-110.
- LÉVY, P. 1998. *Educação e cybercultura*. Porto Alegre, março.
- LIBÂNEO, J. 1990. *Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. Editora Loyola, São Paulo.
- MARTIRE, A. 2017. *Ciberarqueologia em Vipasca: o uso de tecnologias para a reconstrução-simulação interativa arqueológica*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MILLER, D. & HORST, H. A. 2015. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo*, v. 3, n. 2, p. 91-112.
- PINA, A. D. V. 2019. Os artefatos arqueológicos podem jogar? O Estudo da materialidade no contexto Ciberarqueológico. *Revista Arqueologia Pública*, v. 14, n. 2 [23], p. 97-123.
- RECUERO, R. 2009. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. *Metamorfoses jornalísticas*, v. 2, p. 1-269.
- RODRIGUES, A. 1996. *A eleição para diretores e a gestão democrática da escola pública: Democracia ou autonomia do abandono?* Editora Alfa Omega, São Paulo.
- SEGABINAZZI, T. 2020. *Facada news: percorrendo a pós-verdade, a desordem informativa e as notícias falsas no Twitter sobre a facada em Bolsonaro*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SEVCENKO, N. 1992. Carnaval na Babilônia. In: *Orfeu Estático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, p. 24-43.
- SMITH, A. T. 2011. Archaeologies of sovereignty. *Annual Review of Anthropology*, v. 40.
- TRAMASOLI, F. B. 2017. "Haja hoje p/ tanto ontem". *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 186-209, jul. ISSN 1982-1999.
- WEFFORT, F. 1980. *O Populismo na Política Brasileira*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- WHITLEY, D. S. 2016. Archaeology And The Media: Lessons From TED And Youtube. *SAA Archaeological Record*, v. 16, n. 3.

VÍDEOS ANALISADOS

TV FOLHA. 2015. *Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas*. 11:04. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ&t=1s>. Acesso em: 25 Mai. 2017.

AGORA FAZ SENTIDO. 2015. *MÃE, VEM CÁ, POR QUE EU SOU DE DIREITA? MANIFESTAÇÃO* 15/03. 01:23. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRIokvC02AA>. Acesso em: 25 Mai. 2017.